



a importância da infraestrutura na cadeia produtiva

Por Edina Fujii

Sempre fui uma pessoa preocupada com o mercado no qual estou envolvida desde meus 18 anos de idade. Em 1982, quando fui convidada por minha grande amiga Maria Helena Albuquerque a abrir a empresa Quanta, locadora de equipamentos em São Paulo, eu sabia que nesse mercado nada era muito profissional. As produtoras tinham seus equipamentos e uma emprestava para outra para que pudessem realizar seus filmes de longa-metragem; havia apenas a Moviecenter proposta, após o fechamento da produtora Prova, a se tornar locadora de equipamentos.

Como já tinha conhecimento desse mercado, propus-me a fazer da Quanta uma empresa de fato prestadora de serviços, mudando o comportamento de seus usuários e desse tipo de serviços prestados. Com o mercado de publicidade superaquecido, pudemos obter muitos equipamentos e acabei criando um departamento que atendia aos curta-metragistas bem como documentários e a produção de longa-metragem com facilidades, para que pudessem ter volume e melhorar a qualidade desses produtos. O objetivo era também dar aos jovens da época condições de mostrar seu talento através de seus filmes. Assim foi com Carla Camurati em seu primeiro curta, "A Mulher Fatal que Encontra o Homem Ideal", Joel Pizini, Eliane Café e muitos outros.

A partir daí não parei mais. Acabei entrando nos apoios de festivais – que eram poucos; hoje são muitos –, participando nas oficinas em debates, até que conheci o Leopoldo Nunes e Manoel Rangel, ambos da ABD nacional (Associação Brasileira de Documentaristas). Fizemos, então, parcerias com várias empresas de serviços do setor a fim de viabilizar os curtas-metragens em todo território nacional.

Em troca, o Leopoldo Nunes e o Manoel Rangel ajudariam essas empresas de serviços do setor a fazer um fórum onde se discutiriam as políticas públicas que pudessem favorecer os investimentos em equipamentos no Brasil, a fim de modernizar e importar novas tecnologias, para que pudéssemos ter equipamentos suficientes e de qualidade para o mercado brasileiro. E assim foi feito, em Curitiba, onde Gustavo Dahl mediu a mesa do debate com todos os fornecedores de infraestrutura do mercado existentes naquela época.

Após esse fórum, dada a relação de unidade existente entre Leopoldo Nunes, Gustavo Dahl, Manoel Rangel, Augusto Sevá, entre outros, havia o grande interesse de trazer de volta o CBC em sua 3ª edição, que havia sido discutida no mesmo ano no festival do Ceará. Nesse Congresso, eu fui convidada por Gustavo Dahl a representar a infraestrutura, o que aceitei prontamente diante das questões discutidas em Curitiba, entre elas a isonomia de impostos de importação, que é paga em cascata, chegando a até 170% do seu valor fob (free on board; termo

que representa o preço ofertado cobrindo todas as despesas e riscos do produto até que este ultrapasse a murada (extremidade) do navio no país de embarque, sem a contratação do frete internacional).

E assim fui para o 3º. CBC. Foi um recomeço de tudo: a Embrafilme tinha fechado e estávamos todos sem eira e nem beira. As discussões, os discursos, cineastas, produtores, exibidores, distribuidores, setores da televisão e publicidade, curta-metragistas. Todos unidos em uma grande causa.

O evento tomou proporções magníficas, com resultados ao longo dos primeiros anos com a criação da Ancine, reformulações nas leis já existentes, a criação de novas leis, condições outras vindas do BNDES, Fundo Setorial etc.. A sigla CBC era naquele momento o que edificou e organizou nosso mercado. Até que veio a proposta Ancinave e os interesses se dividiram dentro da realidade daquele momento. Hoje já se passaram dez anos desse clamoroso evento. Muita coisa mudou. Algumas propostas da Ancinave não cabem mais diante da evolução tecnológica mundial na telefonia, TVs digitais, canais sendo criados com total facilidade e ainda a internet e outros meios de transmissão de conteúdos. Novamente estamos todos envolvidos e necessitando rever

os conceitos e valores dos setores da cadeia do mercado audiovisual.

É hora de retomar o CBC, esta sigla que foi tão importante para nosso setor, e colocar todos os nossos problemas, anseios, questões, esperanças para que novamente possamos nos organizar de maneira que todos da cadeia cinematográfica se beneficiem do setor produtivo – hoje mais maduro – com novos componentes de informações, mais preparados para levarmos adiante esta profissão tão sofisticada e criativa, admirada pela capacidade de nós brasileiros fazermos com tão

pouco uma das melhores cinematografias do mundo.

Devemos saber melhor utilizarmos-nos do que já está pronto. Vamos fazer do CBC um local de discussões que aprimorem toda a cadeia produtiva, discussões que sejam ouvidas por todos os setores impulsionados pelo audiovisual, como turismo, indústria e comércio, comércio exterior, Itamarati, receita federal, entre outros. Vamos unidos mostrar aos órgãos governamentais o quanto contribuimos para o crescimento desta Nação, não só comercialmente, mas preservando nossas tradições e a autoestima do povo brasileiro.

“É hora de retomar o CBC, esta sigla que foi tão importante para nosso setor, e colocar todos os nossos problemas, anseios, questões, esperanças para que novamente possamos nos organizar de maneira que todos da cadeia cinematográfica se beneficiem do setor produtivo, hoje mais maduro”



Edina Fujii – Uninfra (União Nacional da Infraestrutura Cinematográfica)